

GRELHA DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

1. PROCESSO DE FORMAÇÃO
1.1 Percurso de Formação
1.1.1 Formação Inicial
<p>“(...) sendo a enfermagem um curso essencialmente de teor prático... E que, para mim, acredito que é o melhor modo de formar novos profissionais... Porque, desta forma eles conseguem conhecer a realidade que os espera, de uma forma precoce, (...) têm estágios logo desde o primeiro ano do curso, o que lhes permite entrar logo em contacto, desde muito cedo com a realidade que os espera quando acabarem o curso (...), dou muito valor à chamada formação em alternância (...) este tipo de formação é a melhor solução de aprendizagem (...) relacionar os conteúdos teóricos aprendidos em sala de aula, com o que de facto se pode fazer na prática (...)” E1, p.1</p> <p>“(...) eu dou muita importância aos estágios que fiz enquanto aluna, tive vários orientadores, uns mais profissionais que outros, uns com mais jeito para ensinar técnicas, outros com mais jeito para ensinar coisas a nível relacional (a relação com o doente, etc)...” E1, p.1</p> <p>“(...) estando no papel de aluna em estágio, eu própria fui sentindo e vendo a forma como os meus orientadores me orientavam... E ía-me interrogando sobre o porquê de gostar mais de um orientador, do que outro, ou o porquê de aprender mais com um, do que com outro... Ou seja, durante o curso fui construindo mais ou menos, mentalmente, como é que eu gostaria ou deveria ser quando chegasse a minha vez de orientar alunos. Ainda hoje, me lembro de certas atitudes dos meus orientadores da altura...” E1, p.1-2</p> <p>“Teoricamente, não aprendi nada em sala de aula acerca do assunto “orientação de alunos”...” E1, p.2</p> <p>“(...) o que consegui reunir e aprender, foi fruto da minha experiência como aluna orientanda em Ensino Clínico...” E1, p.2</p> <p>“Aprendi que muitas das bases da Formação Inicial, incluindo modelos e posturas inculcadas pelas minhas professoras, acabaram por vezes, mesmo duma forma subtil, por</p>

passar para os meus alunos... Ou seja, o que me foi inculcido na escola, durante o curso de enfermagem, eu como orientadora, passei para os meus alunos comportamentos e posturas, por mim aprendidas enquanto aluna..." E1, p.16

"Aprendi que, muitas das dificuldades pelas quais passei enquanto aluna, poderiam ser também as dificuldades dos alunos por mim orientados..." E1, p.16

"(...) na formação base, passamos por muitos serviços... E por vários Hospitais... Centros de Saúde... (...) temos uma grande variedade de estágios... Cada um com um orientador diferente..." E2, p.1

"Apesar de estarmos no papel de alunos, o facto de ter de passar pelas mãos de diversas pessoas responsáveis por nós, faz com que isso nos desperte para, quando for a nossa vez de orientar alunos, querermos fazer de uma maneira e não de outra... Porque como já estivemos no papel de alunos... Sabemos que é mais fácil agir de uma forma e não de outra, porque já passamos por aquilo (...) Isto é na prática! Foram conclusões e aprendizagens minhas como aluna..." E2, p.1

"(...) se me perguntares se nas aulas alguém falou, ou deu alguma matéria sobre a orientação de alunos... (...) Acho que nunca ninguém falou nisso! Portanto... Bases teóricas sobre orientação de alunos, vindas do curso de Enfermagem... Não! Nenhumas!" E2, p.1

"Como contributos da formação inicial... Realço, as aulas de Pedagogia, e de Formação em contextos de Trabalho..." E3, p.1

"(...) o Estágio de formação em contextos de trabalho... Que me obrigou a parar para pensar, não só na minha formação, mas como é que é feita a formação das outras pessoas (...) E é com base nesse jogo psicológico que eu me oriento, na orientação deles." E3, p.1

"(...) Em termos de teoria, teoria, não me lembro de ter aprendido nada no Curso-Base... Assim, específico de orientação, não... Não tive nenhuma cadeira que o contemplasse..." E4, p.1

"(...) se falarmos em termos da prática... Aí já é diferente... Mesmo estando num papel diferente, na altura... Porque era aluna, tive bastantes exemplos práticos de orientação..." E4, p.1

"Porque tive vários orientadores... E deu para ver e viver vários quadros... Quer positivos,

quer negativos também!” E4, p.1

“(…) deu para aprender umas coisas, por mim mesma... Como por exemplo, o quão importante é, não deixar o aluno sozinho a trabalhar, ou então, o quão importante é, não fazer tudo pelo aluno, ou seja não deixá-lo fazer nada... Isto foram situações pelas quais passei enquanto aluna em estágio, e como para mim foram negativas, actualmente na pele de orientadora, tenho estes pormenores em atenção... Se foi mau para mim, enquanto aluna... Também não será correcto fazê-lo para com os meus alunos...” E4, p.1

1.1.2 Formação Contínua

“Comecei a sentir-me vazia! E foi então que resolvi apostar num Mestrado! (...) Gostei mesmo muito de o fazer, aprendi imensas coisas, (...) aprendi a fazer investigação a sério (...) o facto de empreender um trabalho de investigação, leva uma pessoa a questionar inúmeras realidades, (...) a maior vantagem de ter prosseguido os estudos foi o facto de aprender que o mundo está em constante transformação e nós temos o papel de nos adaptarmos a essas transformações, e a resposta duma boa adaptação está na aposta na investigação, é através dela que conseguimos adaptar e evoluir na vida.” E1, p.2-3

“Hoje em dia, eu reflecto muito mais... (...) a nível dos contextos e da própria prática de enfermagem, nos cuidados prestados, na forma como se prestam os cuidados, etc... E é esta filosofia profissional, que eu defendo como orientadora, e é esta mesma filosofia que eu tento transmitir (...) aos alunos que tenho vindo a orientar (...)” E1, p.3

“O meu investimento na Auto-Formação, passa muito por olhar todos os dias (ou quase!)... Para o que faço, e também para o que os colegas fazem... Por exemplo, de uma forma informal, posso aprender várias coisas com os meus colegas que também orientam alunos...” E1, p.3

“(…) por vezes basta olhar para o modo como os colegas orientam ou coordenam o ensino dos alunos que têm... (...) É interessante perceber como gerimos de diferentes maneiras, os mesmos conteúdos... Porque temos alunos da mesma escola, a fazer o mesmo estágio (...) E eu acho interessante observar isso, e depois comparar isso com a minha própria maneira de orientar... (...) isto é apenas um exemplo, de como eu acabo por apreender ou aprender novas formas de orientação, ou pequenas dicas para melhorar a minha estratégia de orientação...” E1, p.3

“(...) tu como orientadora... Teres que fazer um investimento teórico suficientemente sólido e abrangente, para poderes conseguir responder às questões dos alunos (...) Porque tens que explicar porque é que fazes duma maneira e não de outra... Tens que estar sempre actualizada, e tens que para isso, ir reciclando os teus saberes... Quem tem alunos a seu cargo, não pode parar no tempo... Porque se não... Aí os alunos é que vão orientar os enfermeiros!” E1, p.12

“Aprendi muito, também em relação á parte da teoria em si (...) aprendi e aprendo bastante com as pesquisas que tenho que fazer...” E1, p.16

“Aprendi sobretudo que tenho uma necessidade enorme de transmitir conhecimentos a alguém... E simultaneamente, que tenho uma enorme necessidade em aprender também com esse alguém...” E1, p.16

“É como se fizesse sentido, o facto de irmos aprendendo ao longo da vida...” E1, p.16

“Aquilo foi tipo, um curso de “Estratégias da formação em parceria”... Foi organizado pela Escola de Enfermagem (...) Mas nada de novo!” E2, p.1

“É um tema que eu gosto... E como já tinha orientado alguns alunos... Queria saber mais coisas acerca da orientação (...) Porque, verdade seja dita... Não há muita formação disponível na área da orientação de alunos...” E2, p.2

“(...) o tempo gasto na auto-formação, acaba por ter de ser tempo nosso (...) desde o ano passado, que tento investir mais nesta área... Mesmo em termos de conhecimentos teóricos, para depois poder-lhes ensinar, etc...” E2, p.2

“(...) a maneira como eu tenho aprendido mais, nesta área da orientação, é com o contacto directo com os próprios alunos, e com os docentes das Escolas... E claro, com a partilha com os meus próprios colegas, também eles orientadores de alunos...” E2, p.2

“(...) há sempre uma troca e partilha de saberes nos dois sentidos! (...) têm sempre algo novo para nos ensinar!” E2, p.4

“Mesmo que não tenha nada a ver com a área da saúde! (...), até pode ser qualquer coisa sobre carros! (...) Já aprendi coisas que nunca pensei aprender!” E2, p.4

“(...) os orientadores não têm que saber tudo!” E2, p.6

“(...) acabamos por partilhar com os colegas... As coisas novas que descobrimos (...) Até

podem ser pequenos pormenores que nunca ninguém tinha pensado...” E2, p.7

“(...) obrigam-nos de certa forma a estarmos actualizados, e a reciclar os nossos conhecimentos... E obrigam-nos a melhorar a nossa prática no dia-a-dia...” E2, p.8

“(...) o investimento na procura de novos conhecimentos!” E2, p.11

“(...) sinto-me muito mais motivada para pesquisar coisas novas (...) faço isto mesmo sem ter alunos! Faço por mim! Porque sinto vontade de saber mais... Para depois, também, quando tiver mais alunos, para poder ensinar mais coisas...” E2, p.11

“(...) penso mais nas coisas do dia-a-dia, nos cuidados que presto, não faço só as coisas por fazer, sinto-me mais crítica, penso no porquê de fazer assim e não de outra maneira qualquer (...) Aprendi a reflectir mais no meu dia-a-dia como profissional que sou (...) Aprendi a pensar!” E2, p.11

“Aprendi muito acerca de conhecimentos teóricos, quer pela minha pesquisa, quer pela pesquisa e pelos trabalhos dos alunos (...)” E2, p.11

“(...) em orientação de alunos, fiz uma formação! (...) organizada pela Escola Superior de Enfermagem (...) sobre a orientação de alunos dessa mesma escola! (...) Confesso, que não aprendi, muito...” E3, p.1

“Tenciono sempre realizar uma reflexão sobre a qualidade dos cuidados que presto, e como os posso melhorar.” E3, p.2

“Quando me surge algo de diferente não tenho vergonha de dizer que não sei e vou procurar a informação com alguém ou livros, ou na Net! (...) Tanto dá para rever coisas que já sabemos... Como dá para aprender coisas novas (...) um meio indispensável!” E3, p.2

“(...) como enfermeiro orientador não sei tudo” E3, p.6

“(...) o aluno no processo de orientação é como se fosse o colega numa de partilha de conhecimentos mútua...” E3, p.7

“(...) para mim o aprender é contínuo (...)” E3, p.7

“(...) fizemos uma pesquisa conjunta (eu e a aluna), onde aprendi coisas novas em termos técnicos (...) eu aprendi e ela aprendeu...” E3, p.8

“(...) apesar de nunca ter tido situações negativas, como ter que chumbar um aluno, por

exemplo... Neste caso, iria ter que recorrer a colegas orientadores, que já tivessem passado por isto, e pedir-lhes ajuda, porque se eles já tiveram essa experiência, já aprenderam a forma de lidar com esta situação...” E3, p.11

“Dou muito mais importância à partilha de novas situações (...) É como se criássemos uma aprendizagem em rede... Quando há uma coisa nova, vamos transmitindo uns aos outros para haver um crescimento conjunto...” E3, p.12

“ (...) a experiência de orientação de alunos fez-me ver a importância da transmissão de saberes; hoje em dia, dou muito mais importância às passagens de turno, porque possibilitam momentos formativos informais...” E3, p.12

“Não tem que se frequentar nenhum curso para aprender alguma coisa...” E3, p.12

“(...) formação em relação à orientação de alunos... Não! Nunca fiz nada nessa área tão específica.” E4, p.1

“Fiz um curso de Formação Inicial de Formadores, (...), e que me deu bastante gozo fazer, e aprendi imensas coisas lá (...) fi-lo por interesse próprio... Porque, gosto da área e é sempre bom aprender coisas novas (...) aprender como ensinar! (...) foi mais uma achega para as funções de orientação, porque aprendemos sempre algumas estratégias para melhor ensinar e poder transmitir conhecimentos...” E4, p.1-2

“(...) na minha opinião, todo o tipo de formação que fiz até hoje, é importante para a orientação de alunos (...) fiz frequentei algumas formações ou pequenos cursos que contribuíram em muito, para a orientação (...) todos eles contribuíram para as funções de orientação de alunos, quer seja de forma directa ou indirecta (...) Porque se o orientador aprende algo novo, isso vai-se reflectir no seu comportamento, na sua maneira de agir... Ou seja, toda a formação feita pelo enfermeiro orientador, é importante e reflecte-se no processo de orientação.” E4, p.2

“A Auto-Formação é um aspecto que eu acho bastante importante... Quer a nível formal, quer a nível informal... O saber não ocupa lugar, há sempre espaço! Eu aposto e invisto bastante, principalmente a nível informal, através da minha própria experiência, e da dos outros colegas...” E4, p.2

“(...) na nossa profissão, é muito importante partilhar e discutir os conhecimentos, ou o dar a conhecer novos saberes uns aos outros, porque só assim é que crescemos (...) e trabalhamos com o mesmo objectivo... O de cuidar cada vez melhor,” E4, p.2

“É mau quando uma pessoa sabe uma coisa nova, útil á nossa prática, e não a partilha

com ninguém... É mau quando as pessoas querem o saber só para si..." E4, p.2

"(...) a formação é sempre uma conta de somar!" E4, p.3

"(...) a aprendizagem é um processo activo e dinâmico, e que não tem um sentido único, eles aprendem comigo, e eu aprendo com os alunos! É um aprender recíproco e partilhado." E4, p.5

"Os alunos mantêm-me mais actualizada e atenta a tudo. Sinto necessidade de procurar mais informação, e cultivar mais o meu conhecimento, para lhes poder ser mais útil, para lhes poder ensinar mais e melhor." E4, p.5

"(...) ao pesquisar na teoria, a resposta às perguntas dos alunos, aprendi imenso! E assim, dava para responder às perguntas deles a aprender sempre mais um bocadinho, porque quando é assim, uma pessoa tenta sempre ir além da resposta pretendida... Tento sempre aprender mais alguma coisa para além do que o aluno quer saber (...) para futuramente, poder também transmitir a alunos que venha a ter!" E4, p.10

"Porque, o mundo também está sempre a mudar e nós quer como pessoas, quer como profissionais formadores (neste caso), temos que nos manter sempre alerta e informados!" E4, p.10

"(...) quem tem alunos está sempre a ganhar! Porque está sempre a aprender, de uma forma ou de outra! Tanto aprendes coisas da teoria pura, como aprendes coisas da vida (...)" E4, p.10

"Também podes aprender a nível técnico! Porque às vezes os alunos trazem umas ideias novas, que aprenderam, ou viram fazer noutra estágio, e que podem ser úteis para nós, no nosso serviço..." E4, p.11

1.2 Percurso Profissional

1.2.1 Experiência Profissional

"(...) é lógico, que a minha experiência como docente, que faço em paralelo, também ajuda em muito, a entrada no mundo dos estudantes, e no mundo académico... E deste modo, como estou a par destas duas realidades: a Escola-Teoria e o Estágio-Prática..." E1, p.3

"Não! Nunca aconteceu orientar mais do que um aluno no SUP..." E1, p.6

“Comecei a orientar alunos com um ano de prática profissional! É isso mesmo!” E1, p.6

“Na qualidade de Enfermeira Orientadora, pertencente a um serviço... Essa experiência limita-se somente ao SUP... Sempre trabalhei neste Hospital e neste serviço... Agora, mais recentemente é que tive oportunidade de orientar alunos de Enfermagem mas... Na qualidade de Enfermeira da Escola... Docente, portanto...” E1, p.6

“Orientar alunos, foi algo que sempre fez parte dos meus planos desde muito cedo... Mas, de certo modo, nunca pensei ficar tão cedo responsável por alunos... A primeira proposta para orientar alunos, surgiu por parte da minha segunda chefe de serviço, do SUP, que achou que devia apostar numa recém-formada para orientar alunos de enfermagem... E eu aceitei com muito gosto!” E1, p.7

“(...) realmente, nunca esperei orientar assim com tão pouco tempo de profissão...” E1, p.7

“(...) ao orientar alunos, acabo por orientar ou reorientar, a minha prática profissional” E1, p.7

“...comecei a orientar para aí em 2002 (...) ou seja, tipo tinha... 2,5 anos de profissão... e foi no SUP que orientei... Mas, em (...), enquanto lá estive, mesmo sendo em duplo e só com meio horário... o meu chefe de lá deu-me uma aluna... Isto tinha para aí uns 3 anos de profissão!” E2, p.3

“(...) quando ainda trabalhava lá, (...) e tive a tal aluna (do 3ºano)... Ao mesmo tempo também tinha outra aluna (também do 3ºano), no SUP! Tipo... saía lá de turno com a aluna e vinha para cá entrar de turno com a outra aluna! Foi muito desgastante... E cansativo...” E2, p.3

“Na altura quem me falou em orientar alunos foi a minha chefe de equipa... Foi ela que me tipo, propôs... Porque é que eu não investia nisso... Mas, é o chefe do serviço é que atribui os alunos (...) Mas pronto! Uma vez ele falou nisso e eu aceitei logo!” E2, p.4

“O meu percurso não é muito longo! Só orientei alunos no SUP! (risos) ... No outro lado (...) Estive pouco tempo... e só fazia meio horário, logicamente, não tive nenhum...Mas comecei a orientar cedo! Tinha mais ou menos, 2 anos de profissão, e 2 anos de Urgência!” E3, p.3

“(...) a primeira vez que tive alunos foi muito mais cedo do que aquilo que eu pensava... Naquela altura... Eu aceitei porque me sugeriram... E achei que seria uma coisa boa,

onde a gente pode aprender a fazer outras coisas...” E3, p.4

“Sempre que vêm os grupos para estágio... A proposta parte do chefe do serviço, mas eu nunca lhe disse pessoalmente que gostaria de orientar alunos! Ou, que era do meu interesse orientar alunos... (risos)... Embora fosse minha vontade... Por isso, é do meu interesse (...)” E3, p.4

“Não! Nem pensar! Um de cada vez!” E3, p.4

“(...) acompanhamo-los, e isso em regra, faz-nos repensar todas as nossas actividades como profissionais...” E3, p.4

“(...) o meu grau de exigência foi aumentando ao longo do meu percurso de orientador (...)” E3, p.7

“(...) quando comecei a orientar era bastante novo na profissão... E agora, numa posição mais sólida, e tendo tido já mais alunos torna-se mais fácil (...)” E3, p.13

“Comecei a orientar... Mais ou menos há 9 anos atrás, não tenho bem a certeza absoluta, mas... E sempre aqui no SUP... Ou seja, comecei a orientar com 6 anos de profissão, e com 4 anos e meio de experiência no SUP...” E4, p.4

“Na Urgência era incomportável ter mais do que um aluno ao mesmo tempo! Às vezes ter um só, já é complicado (...) Bem mas, há uns anos atrás era diferente... Aí há uns 10 anos atrás as coisas funcionavam doutra maneira... Eram outros tempos (...) E sinceramente, não era dada a importância devida aos estágios e aos alunos, ou seja... Os alunos passavam por cá mas, só em estágios de observação... Ficavam cá aí uns 2 ou 3 dias, e não tinham especificamente um tutor ou um orientador destinado... E quem fazia a distribuição deles era a chefe do serviço... Até porque, não faziam turnos, ficavam só nas manhãs a observar o funcionamento, e a dinâmica do serviço... Por isso, no fundo, todos nós éramos responsáveis pelos alunos (quem estivesse no turno da manhã), porque eles eram distribuídos pelos postos, e o enfermeiro responsável pelo aluno nesse turno, era o enfermeiro correspondente a esse mesmo posto de trabalho...” E4, p.4

“A partir deste momento, desta primeira “longa” orientação, tornei-me ainda mais exigente como orientadora... Porque, como tive a sorte de me calhar o melhor... Agora tenho tendência para exigir sempre mais um bocadinho aos alunos que vou tendo...” E4, p.8

2. Processo de Orientação de Alunos de Enfermagem em Ensino Clínico

2.1 Representações sobre a Orientação de Alunos

2.1.1 Significado da Orientação de Alunos

“(...) transmitir conhecimentos a alguém e contribuir para o seu processo de aprendizagem, é extremamente gratificante, e por isso, por si só é motivador...” E1, p.7

“É poder contribuir para a formação profissional de alguém... É sentirmo-nos úteis, e importantes fontes de informação e conhecimento... É deixar o nosso contributo, e a nossa “marca” em alguém... É ter o poder (de certo modo...), de influenciar o percurso de aprendizagem de alguém... De uma pessoa... De um futuro profissional... De um futuro colega de trabalho!” E1, p.7

“Os estágios são para aprender, e para aprender eles têm que presenciar o maior número possível de experiências (...)” E1, p.11

“(...) fazer do estágio um momento feliz de aprendizagem...” E1, p.11

“Acabamos sempre por alterar alguma coisa... Mesmo que seja de uma forma mínima, eu acho que sempre se altera qualquer coisa (...)” E1, p.13

“(...) ser orientador não é uma tarefa propriamente fácil e simples...” E1, p.13

“(...) orientar alunos é uma experiência muito interessante! (...) É sempre diferente! De aluno para aluno!” E2, p.4

“(...) é um espaço em que podemos partilhar as nossas aprendizagens, da nossa experiência como profissionais, (...)” E2, p.4

“(...) é tipo um período que estimula muito a reflexão sobre a nossa prática! Quer como enfermeiros, quer como orientadores de alunos...E por outro lado, a orientação permite-nos manter o contacto constante com as Escolas de Enfermagem...” E2, p.4

“Orientar alunos, é tipo, integrá-los na prática profissional; mostrar-lhes como prestamos cuidados; mostrar-lhes como funcionam as coisas na prática, na realidade que eles

depois vão encontrar quando saírem da Escola...” E2, p.4

“(...) orientar alunos em estágio é: proporcionar-lhes um tempo de integração, aprendizagem, reflexão e desenvolvimento de competências na prática de enfermagem.”

E2, p.5

“Ele também tem que ter algum entusiasmo... Ou pelo menos mostrar alguma vontade em investir no estágio... Que afinal é um estágio dele...” E2, p.9

“(...) o objectivo será sempre o de fazer uma boa orientação e o de possibilitar um bom estágio (...)” E2, p.11

“Porque são os alunos que nós estamos a formar hoje, que vão ser os enfermeiros de amanhã (...)” E2, p.11

“(...) a importância do envolvimento dos formandos, na própria formação deles, ou seja... Em primeiro lugar... Eles têm de querer, e compreender a importância de qualquer experiência para a sua formação.” E3, p.1

“(...) é uma aprendizagem enriquecedora, e cumulativa... Porque de cada vez que se orienta um aluno... Há sempre qualquer coisa nova que fica (...) Dá sempre para acrescentar algo ao nosso conhecimento...” E3, p.3

“(...) a motivação primordial é por ser uma coisa positiva para o nosso desenvolvimento e aperfeiçoamento como profissionais... É um crescer juntos.” E3, p.4

“De todas as experiências que tive com os meus alunos sempre foi uma experiência muito positiva e sempre correu tudo bem...” E3, p.4

“(...) o serviço é muito bom! Em termos de experiências que eles possam ter, é sempre uma experiência positiva... E sempre conseguimos transmitir alguns conhecimentos e diferentes formas de estar dos enfermeiros...” E3, p.4

“(...) para mim entendo um estágio como sendo um projecto (...) que se inicia (...) Supostamente ainda na Escola... Onde eles (os alunos), se tentam enquadrar no serviço e depois, eles próprios terem um projecto para o estágio deles... Personalizarem o projecto (...)” E3, p.5

“(...) a aprendizagem é um ponto fulcral no estágio... É para isso que um estágio serve!

(...) Eu acho que eles vêm aqui aprender(...)" E3, p.7

"(...) a orientação de alunos é uma coisa que se vai construindo..." E3, p.8

"Porque a aprendizagem em estágio implica uma reflexão constante, ou seja, é uma aprendizagem reflexiva... É importante a gente parar para pensar aquilo que fez, como fez e como irá fazer..." E3, p.10

"Tinha que ser um momento de aprendizagem trabalhado pelos dois em simultâneo..." E3, p.10

"De orientação para orientação, eu reflicto sobre aquilo que fiz e vou sempre acrescentando alguma coisa ao meu conhecimento, porque foi mais uma experiência que eu vivi... Mas, conscientemente, não mudei nada; acrescentei foi créditos à minha experiência como orientador..." E3, p.11

"(...) estamos a contribuir para a formação de novos profissionais (...) Orientar é uma actividade que eu gosto muito de fazer (...)" E4, p.3

"O que me realmente motiva e interessa na orientação de alunos, é a partilha de conhecimentos." E4, p.4

"(...) os alunos são a esperança do futuro, e é muito bom sentir que, de alguma forma, nós contribuímos para a formação desses futuros profissionais (...)" E4, p.5

"(...) orientar alunos, significa: preparar novos profissionais, através da aproximação da teoria dada na Escola, com a realidade da prática clínica." E4, p.5

"(...) o SUP é um óptimo campo de estágio, os alunos só não aprendem se não quiserem! Eu não posso obrigar ninguém a aprender, se esse alguém não quiser! (...) Para mim, só pode haver aprendizagem, se as duas partes (orientador e aluno) seguirem a mesma estrada, para chegar ao mesmo destino!" E4, p.6

"Os alunos são adultos, e já não estão na escolaridade obrigatória onde são obrigados a aprender à força... Estão num curso superior porque, em princípio, querem e gostam... Portanto, terão que investir em si, e no alargar do seu conhecimento..." E4, p.6

"(...) para mim, os alunos é que são os donos do estágio, e portanto, o estágio será aquilo que eles quiserem... Eles são responsáveis pela sua aprendizagem (...)" E4, p.6

“(...) orientar para mim, é uma actividade muito gratificante e compensadora do trabalho que dá, e da responsabilidade que temos durante a sua realização...” E4, p.11

2.1.2 Competências do Enfermeiro Orientador

“(...) as competências básicas de um orientador, (...) São a disponibilidade que devemos demonstrar e proporcionar ao aluno... Nós estamos ali para ele... Disponíveis para lhe dar atenção e apoio naquilo que ele precise...” E1, p.7

“A assertividade... Ou seja, devemos ser claros, objectivos e directivos no nosso discurso... Sem querer ferir susceptibilidades, claro! Mas, chamar a atenção quando temos de chamar e elogiar quando temos de elogiar...” E1, p.7

“(...) ser detentores de conhecimentos teórico-práticos sólidos e bem argumentados...” E1, p.7

“(...) quem orienta deve ser objectivo, verdadeiro, reflexivo, e deve ter espírito de ajuda e aprendizagem...” E2, p.5

“(...) o orientador deve ser uma pessoa objectiva e disponível, com espírito aberto, numa de ensinar o aluno mas aprender com ele ao mesmo tempo... Mas, ao mesmo tempo também deve ser assertivo...” E2, p.5

“Deve ter também conhecimentos suficientemente sólidos para poder ensinar com credibilidade...” E2, p.5

“(...) a nível da assertividade, no início era uma coisa que eu tinha uma certa dificuldade, tinha um coração mais mole... Pensava, tipo, oh são alunos coitados... (risos) Era ingénua! Também... Estava a trabalhar há pouco tempo, tinha ainda uma visão muito limitada das coisas...” E2, p.10

“(...) porque nós como orientadores não podemos deixar passar nada despercebido! (...) temos que ser exigentes e rigorosos!” E2, p.11

“Acima de tudo tem de ser visto como um modelo para o aluno... Nas práticas tem que haver um referencial, e o enfermeiro orientador funciona como sendo esse referencial (...)” E3, p.5

“(...) tem que dominar as três áreas do saber em enfermagem: o “saber ser”, o “saber estar” e o “saber saber”; e nessas três áreas, ser o referencial, para quando o aluno estiver com ele, aprender com isso, fazendo-se rever nesses três campos...” E3, p.5

“(...) tem que ser um modelo de bom comunicador, um bom gestor da crítica e um bom gestor do tempo, porque os estágios passam muito rápido...” E3, p.5

“Orientador ideal, ou perfeito, acho que não existe...” E4, p.5

“(...) maturidade e experiência profissional... Também devem ser profissionais responsáveis, e pessoas íntegras, e devem ter um discurso bastante assertivo... Claro, directo e objectivo...” E4, p.5

“Colaboro em tudo! É essa uma das minhas funções como orientadora...” E4, p.6

2.2 Estratégias Pedagógicas Adoptadas

2.2.1 Relação Interpessoal

“(...) tentar conhecer o aluno... Que tipo de pessoa é... Introverso, expansivo... Muito calado mas interessado... Observador ou desinteressado... Pronto... Para depois decidir então qual a abordagem que eu lhe irei fazer...” E1, p.8

“(...) se o aluno é introverso mas, é interessado (...), não fala muito mas procura observar e aproximar-se de situações novas... Eu, neste caso, deixo-o primeiro ambientar-se ao serviço, á dinâmica... E espero que ele venha até mim... Devagarinho... Ao ritmo dele... Para depois podermos então falar mais abertamente, (...)” E1, p.8

“(...) o objectivo de proporcionar um bom estágio ao aluno é sempre constante mas, a maneira como faço para chegar a esse objectivo, vai variar conforme o próprio aluno, porque temos que respeitar os tempos de cada um (...)” E1, p.8

“Todos os sentimentos e medos são importantes e passíveis de serem partilhados...” E1, p.9

“(...) onde pratico a minha profissão, tento ser uma pessoa, simultaneamente, divertida e responsável. Durante a orientação de alunos... A parte da diversão... Tem de ser mais

contida e controlada (...) tenho de transmitir e demonstrar o “saber ser” e o “saber estar” (...) é a postura e atitude “*by the book*”... O que não é muito difícil de conseguir (a idade e a experiência tudo traz)...” E1, p.13

“O meu lema como orientadora de alunos, é dar o máximo de liberdade ao desempenho dos alunos, mas atenção! Ao mesmo tempo, exijo-lhes o máximo de responsabilidade! E aviso-os desta condição logo desde o primeiro momento! (...) se não jogaram conforme as regras... Acabo por ser mais incisiva, restringindo-lhes os passos...” E1, p.14

“(...) se eles não me mostrarem espontaneamente, o que sabem... Sou mais inquiridora e também mais inquisidora... E adiro uma postura mais controladora sobre o desempenho dos alunos...” E1, p.14

“Para além de que a orientação de alunos, proporciona-nos lidar com diferentes tipos de pessoas (...) ao interagirmos com toda esta panóplia de personalidades, vamos ficando mais ricos no que se refere às relações humanas... A mim já não me assusta lidar, por exemplo, um aluno com falta de interesse... Porque como já passei por isso, já sei como fazer para resolver a situação...” E1, p.15

“Aprendi também, ao longo de todo o meu trajecto de orientadora que (...) há alunos que esquecem ou não têm em consideração aspectos tão simples e básicos como a humildade, e uma postura profissional adequada (...) Nunca esperei encontrar alunos assim... Mas encontrei, e muitos!” E1, p.16

“(...) cada aluno é único, e tem o seu próprio desenvolvimento...” E2, p.5

“Mas, tendo sempre em conta o tempo de adaptação do aluno... Porque há alunos mais perspicazes que outros... E mais dinâmicos... E com mais conhecimentos...” E2, p.5

“(...) outra estratégia, o facto de me mostrar disponível, e tentar criar um ambiente agradável e aberto... Porque senão o aluno pode sentir-se constrangido, e isso pode condicionar a aprendizagem dele... E depois o estágio pode não correr da melhor maneira...” E2, p.5

“Às vezes, nós como orientadores podemos ter dificuldade em ver algumas coisas, ou podemos estar a pressionar o aluno de alguma forma, sem darmos conta disso, e assim, se conversarmos com eles regularmente, isso pode ser alterado... E com isto, vamos melhorar a nossa função de orientar e eles, ao mesmo tempo, também ficam beneficiados

por isso...” E2, p.10

“(...) a minha atitude também vai depender do tipo de aluno que tenho á frente... Adapto ao tipo de personalidade do aluno... Porque também há aqueles que nem perguntam nada!” E2, p.10

“ (...) aprendi a lidar com diferentes tipos de pessoas, várias personalidades, portanto, aprendi que não se pode orientar sempre da mesma maneira, sempre com as mesmas estratégias, (...) mas, a maneira como o conduzimos é diferente, porque os alunos são diferentes, cada um tem a sua velocidade, cada um tem os seus conhecimentos... (...)” E2, p.11

“(...) (os alunos) precisam de se moldar... E nós como enfermeiros orientadores, fazemos um crescimento em conjunto com eles;” E3, p.4

“(...) mobilizamos, em conjunto, os conhecimentos para isso inclusivamente, trocávamos *mails* e tudo...” E3, p.8

“(...) ela ao transmitir-me esses conhecimentos sentia vontade de os provar ao mesmo tempo mas, eu nunca coloquei em dúvida a veracidade das informações que ela me estava a transmitir... No entanto, eu senti que ela tinha essa necessidade de provar...” E3, p.8

“(...) a relação que nasce e cresce com os alunos é uma forma de aprendizagem...” E3, p.10

“Dependendo da personalidade deles: com uns a relação consegue estabelecer-se mais facilmente do que noutros... Mas, até agora tenho conseguido criar sempre uma relação pedagógica saudável... Os “*timings*” do estabelecer dessa relação, é que vão variando consoante as personalidades.” E3, p.11

“Se (...) o aluno conseguir perceber que o estágio é um momento de crescimento mútuo (para mim e para ele), o estágio vai desenrolar-se muito melhor, porque desta forma conseguiu-se estabelecer, logo à priori, uma relação de confiança recíproca... Entre mim e o aluno...” E3, p.12

“(...) no início eu achava que a orientação de alunos era muito mais complicada do que agora acho, principalmente a nível da relação que consigo estabelecer com o aluno...”

E3, p.12

“(...) acima de tudo, estamos a lidar com pessoas, e cada uma tem a sua experiência de vida pessoal... Aprendemos a nível relacional, também... Porque cada aluno tem a sua personalidade...” E4, p.10

2.2.2 Planeamento e Gestão do Estágio

“Por exemplo, se o aluno tem dificuldade em aspirar secreções... Então é aí que vamos batalhar e investir... Proporcionando-lhe o maior número possível de experiências deste tipo...” E1, p.8

“(...) no final do primeiro turno... Ou a meio... E depois de eu lhe dar uma visão geral da dinâmica e funcionamento do serviço... Reunimos e planificamos o estágio todo...” E1, p.9

“(...) acho que é importante para os alunos terem logo tudo organizado desde início... Depois vamos fazendo os devidos ajustes ao longo do estágio...” E1, p.9

“(...) combinamos desde logo, falar e reunir quando e assim que cada um achar pertinente, independentemente da hora, do turno, ou do que quer que seja... Quando algum de nós sentir necessidade de o fazer... É para fazer sem adiar... Ou seja, não deixar passar nada ao acaso... Tudo é importante, todas as dúvidas são importantes...” E1, p.9

“(...) normalmente, os alunos que eu tenho orientado quando chegam, já trazem trabalhos pedidos pelas escolas (...) um estudo de caso... No entanto, como já aconteceu, se não trazem nenhum trabalho para fazer durante o estágio, eu sou capaz de lhes pedir para fazerem algo...” E1, p.10

“Tento contribuir com os meus próprios conhecimentos, ou com bibliografia que tenha disponível para lhes emprestar (...)” E1, p.10

“Habitualmente, eles estão mais ou menos, 6 semanas no serviço... O que costumo fazer é dividir o número total de turnos por 4... E portanto, o número que der, corresponde ao número de turnos que o aluno vai ficar em cada posto de trabalho...” E1, p.10

“(...) sigo uma determinada ordem, que no meu ver é a ordem mais lógica, para o aluno perceber o funcionamento do serviço desde início... Por isso, ele começa na Triagem (que é a porta de entrada da Urgência...), Sala de tratamentos e depois passa no S.O (Sala de Observações)” E1, p.10

“(...) apesar de haver mais um posto de trabalho, que é a Urgência de Cirurgia/Ortopedia e Otorrino, eu não faço lá turnos com o aluno, por ser um sítio onde nem sempre há muitas situações interessantes...” E1, p.10

“(...) em relação ao posto que fica, digamos assim em “falta” (a Urgência da Cirurgia/Ortopedia e Otorrino), quando há situações novas, e interessantes para o aluno, ele acompanha a situação em causa, e eu também... Para depois voltarmos ao “nosso” posto de trabalho...” E1, p.11

“(...) os últimos 6 turnos que sobram, (...) ou o aluno repete os postos onde sentiu maior dificuldade (...) se está tudo bem, e se o aluno teve um bom desempenho em todos os postos... Eu deixo-o escolher o posto onde ele quer ficar (...)” E1, p.10

“(...) tento não meter-me muito nos trabalhos deles, porque como são académicos, propostos pela escola (...) quando são actividades que tenham a ver com o contexto estágio, não se coloca tanto este problema...” E1, p.10

“(...) quando comecei a orientar, corria os postos todos direitinhos... Sem excepção... Depois é que fui ganhando experiência, quer como profissional, quer como orientadora, o que me foi permitindo desenvolver a minha própria autonomia para agir hoje desta forma... E faço desta maneira, porque acho que é a mais indicada para o aluno...” E1, p.11

“(...) o tempo de estágio deve ser aproveitado e gerido da melhor maneira para o aluno conseguir atingir tipo, quer os objectivos dele, quer os objectivos da Escola...” E2, p.5

“(...) uma das primeiras coisas que faço é ler os objectivos da Escola para o estágio... E depois conversando com o aluno... Tentar saber quais são os objectivos dele (...) a maior parte das vezes os objectivos pessoais deles, são muito além dos da Escola...” E2, p.5

“(...) depois de perceber o que o aluno quer fazer, cabe-me a mim, como orientadora, criar as oportunidades para ele desenvolver esses objectivos, tipo desenvolver conhecimentos teóricos, desenvolver a destreza manual, desenvolver por exemplo, a capacidade de comunicação com a criança...” E2, p.5

“Tento coordenar o Guia de orientação de estágio da Escola, com os objectivos do próprio aluno, tendo por base as minhas experiências anteriores de orientação de outros alunos (...), não vale a pena ambicionar determinadas coisas, se o estágio for curto demais...” E2, p.6

“(...) não vale a pena, ficar muitos turnos em determinados postos de trabalho, se as coisas que lá acontecem são repetidas, ou são poucas (...) tem que haver uma certa flexibilidade, não têm que ser 3 turnos ali, 5 além... Tem que ser de acordo com o desenvolvimento do aluno, e de acordo com as situações que ele já presenciou...” E2, p.6

“Eu no início era mais rígida em relação à quantidade de turnos em cada posto, porque achava que tinha que ser mais ou menos igual, tipo 4 turnos em cada posto... Mas, com o tempo, tipo, fui aprendendo que as coisas não têm que ser assim...” E2, p.7

“(...) se chega um aluno ao pé de mim e diz: Eu gostava de desenvolver mais a técnica de picar veias... Eu como orientadora, tenho por obrigação, tipo, proporcionar que isso aconteça... E nesse caso, por exemplo, já vamos programar o estágio para ficar mais tempo na Sala de Tratamentos, que é onde se faz mais vezes essa técnica...” E2, p.7

“(...) um trabalho escrito, normalmente eu proponho sempre (...) Isto se a Escola não propõe! Ou por exemplo, também já aconteceu, o meu chefe pedir a um aluno meu para ele fazer um trabalho sobre uma doença... E também já aconteceu um colega meu sugerir eu pedir ao aluno para fazer um trabalho sobre um determinado tema... Tipo, mas há sempre um trabalho escrito...” E2, p.7

“Há vários tipos de actividades que eles fazem... Tipo, se é um Estudo de Caso... Posso ajudar na escolha... e depois posso ajudar a estruturar, o aluno vai-me mostrando a medida que faz... Eu vou dando a minha opinião...” E2, p.7

“(...) claro que ajudo, colaboro, explico, supervisiono, e se for preciso até ajudo na pesquisa...” E2, p.7

“Eles, primeiro definem sempre os objectivos e onde é que querem investir, e a gente vai tentando com eles, encaminhá-los nesse percurso.” E3, p.5

“É a apresentação... E depois o planeamento do estágio... Fazemos logo em moldes gerais (eu e o aluno), para eles também saberem com o que é que vão contar durante o estágio... Planeamos logo o percurso todo... Planeamos logo os postos por onde vamos passar, e quanto tempo em cada posto...” E3, p.5

“(...) faço em conjunto com o aluno, mas uso o papel para ele ter uma noção gráfica, temporal e precisa de todo o estágio... Dantes não usava o papel, porque achava que era fácil para eles entenderem mas, com a experiência percebi que é mais fácil para eles compreenderem desta forma... Mas, é uma gestão partilhada com o aluno!” E3, p.7

“(...) o início é proposto por mim, porque eles não conhecem nem o serviço, nem a

dinâmica; ou seja, proponho o trajecto dos postos e os “*timings*”, e também em termos de algumas actividades que eles vão ter de desenvolver...” E3, p.8

“Vejo se a escola propõe algum tipo de trabalho para o estágio, e se isso não se verifica sou eu que proponho essas actividades!” E3, p.8

“(...) dou a conhecer quais os critérios que eu vou valorizar no estágio dele. Às vezes, não digo objectivamente, que quero que eles façam um determinado trabalho, mas dou a entender que seria produtivo se o fizessem...” E3, p.8

“Em primeira linha, há que fazer a integração do aluno, na equipa e no serviço... Dinâmica, funcionamento, organização do trabalho... Depois, há que ter em conta os objectivos do estágio, que vêm no guia de orientação de estágio da Escola a que eles pertencem... Há que fazer a planificação e a organização do estágio, com o aluno (...)” E4, p.6

“Sigo o guia da Escola e tento coordenar isso com os próprios objectivos de estágio dos alunos.” E4, p.6

“(...) umas actividades sugiro eu... Outras são a Escola que propõe... E outras até é o próprio aluno que diz que quer fazer!” E4, p.6

“A gestão do planeamento dos cuidados a prestar, é uma gestão partilhada... Acordamos, combinamos, discutimos, esclarecemos dúvidas...” E4, p.7

2.2.3 Supervisão e Avaliação das Práticas

“(...) deixo-o observar como se actua em diversas situações, ficando ele com um papel mais passivo, nesta altura... Com o intuito de tornar essa atitude inicialmente passiva, para uma atitude gradualmente mais activa, até chegar á autonomia... Mas sempre comigo por perto! Claro! Comigo, ou com algum colega... Sozinho nunca!” E1, p.8

“(...) tento escolher os melhores momentos... Ou pelo menos os momentos mais calmos... Porque, no SUP, nem sempre dá para pararmos o que estamos a fazer e explicar ao aluno o que está a acontecer naquele momento... Mas de qualquer forma, tento sempre fazê-lo... Se não der na hora, fazemos mais tarde, mas fazemos!” E1, p.8

“(...) tento identificar a situação ocorrida, ou o incidente crítico, ou pressupostos incidentes críticos... Até mesmo fictícios... E explico de seguida... O porquê de ser assim e não de outra forma... O como se resolveu... O que ficou por resolver... E como

melhorar numa próxima vez...” E1, p.8

“Outra forma que uso, é a de confrontar o aluno com situações vivenciadas por ele... Interrogá-lo acerca do porque é que fez duma maneira e não de outra...” E1, p.8

“(...) se acontece algo de mais grave, se o aluno fez alguma coisa mal... Tem que se explicar a situação e as circunstâncias do acontecido... Assim como as consequências que daí advêm, e quais as estratégias a adoptar no futuro, para que a mesma situação não se repita... Mas, para mim... Tão importante, ou ainda mais importante que tudo isto, é mesmo o aluno assumir o seu erro... Assumir que falhou... E assumir as consequências...” E1, p.9

“(...) como orientadora, reconheço que sou muito mais exigente com aspectos que estejam relacionados com a postura, com a responsabilidade, do que propriamente com saberes teórico-práticos... A técnica aperfeiçoa-se com o tempo... Agora, alterar ou modular aspectos que têm a ver com o próprio carácter, é um grande desafio...” E1, p.9

“Através da minha supervisão e avaliação contínua do desempenho dele... Não fazem nada sozinhos... Isso fica claro desde o primeiro dia...” E1, p.10

“Não lhe dei uma nota brilhante mas, tenho a certeza de que se eu não tivesse optado por falar com ele... A nota e o estágio teriam corrido bem pior...” E1, p.12

“Como futuros profissionais cuidadores... Atentos á linguagem não verbal dos miúdos, atentos aos pequenos pormenores menos evidentes à primeira vista, atentos aos pais, quer ás queixas deles, quer ao próprio relacionamento deles com os filhos...” E1, p.12

“Já para não falar naquele velho ditado do *“faz aquilo que eu digo, e não faças o que eu faço”*... O aprender os princípios, interiorizá-los (...) pode ser complicado mas, é necessário! Mas, no entanto, explico-lhes sempre que na prática dos cuidados, existe uma necessidade constante de nos adaptarmos... E que alguns dos princípios têm, ou devem ser, adaptados, ou até mesmo, readaptados...” E1, p.13

“Apesar de termos que dizer e ensinar muitas coisas repetidas...” E2, p.4

“(...) outra estratégia é tentar sempre manter uma interacção com a professora da Escola... Ir fazendo as tais avaliações formativas...” E2, p.6

“Quando há uma situação nova, se o aluno não está presente no momento, tipo a primeira coisa a fazer é chamá-lo... E depois, é explicar a situação em causa, e mostrar-lhe como se resolve... E, portanto, da próxima vez que a mesma situação se passar,

cabe-lhe a ele resolve-la...” E2, p.6

“(...) para as técnicas, (...) Se o aluno nunca aspirou um bebê, a tática é: eu faço e explico como é, e depois da próxima vez ele faz, e eu vou recapitulando, até chegar ao ponto em que ele faz e eu já não preciso dizer nada! Só fico a ver!...” E2, p.6

“(...) em relação a coisas teóricas, eu se não tenho conhecimentos suficientes, vou pesquisar e depois no próximo turno a gente fala sobre o assunto (...) Portanto, combinamos, pesquisamos ou vamos os dois á Net logo na altura, ou se não der, pesquisamos tipo em casa e, depois no turno a seguir, a gente fala sobre isso, e depois tiramos as nossas conclusões!” E2, p.6

“(...) na transmissão dos saberes, eu acho que é uma coisa que se pode fazer de diferentes maneiras, consoante o tipo de saber... Prático, ou teórico, ou específico de uma situação qualquer... Mas, tipo, a transmissão é constante ao longo do estágio...” E2, p.6

“O aluno fica no posto até conseguir domina-lo... Até conseguir ter alguma autonomia e, segurança naquilo que está a fazer... Tipo, isso foi uma das coisas que eu mudei com o tempo... Por exemplo, a Triagem é um posto difícil, que requer muita experiência e que só existe em serviços de urgência (...) Por isso, eu acho que os alunos devem passar mais tempo na Triagem (...)” E2, p.7

“(...) eu explico, depois executo, depois esclareço as dúvidas... Depois trocamos... O aluno faz, e eu observo... Depois discutimos o desempenho dele e a minha observação... Esclareço mais dúvidas para ficar tudo claro e explicado, e depois reflectimos e avaliamos os dois os cuidados prestados... Como foi, porque foi, como deveria ter sido (...), o que melhorar... Como melhorar...” E2, p.8

“(...) sempre antes das avaliações formativas a meio do estágio com a professora da Escola, falo sempre primeiro com o aluno, do género... Para ele saber ao certo o que é que eu vou dizer à professora!” E2, p.8

“(...) sabemos sempre o que cada um pensa do outro, e em que ponto estamos, e o que pretendemos fazer daqui para a frente! E se for preciso, até podemos alterar estratégias para melhorar o nosso desempenho... Quer o do aluno, quer o meu como orientadora...” E2, p.9

“É importante termos os pontos chamados “*milestones*”, que são os pontos em que se pára para pensar como é que o processo está a decorrer, se se tem que investir mais, ou

se se tem que investir menos...” E3, p.5

“(...) primeiro eles vêem como é que eu faço, e como é que as coisas são feitas aqui no serviço... Debateremos as situações... E depois vemos se é muito diferente, ou não, daquilo que aprenderam na escola! A partir daí, eles tentam assumir, progressivamente, cada posto de trabalho... Tendo alguma autonomia nos diferentes postos... É-lhes conferida essa autonomia, até chegarem a um certo ponto em que eles consigam gerir, por eles, todos os cuidados...” E3, p.6

“(...) outros momentos em que paramos para reflectir sobre alguns casos clínicos (...) O que é que fizemos bem, o que é que fizemos mal, o que é que podíamos ter feito mais; inclusivamente, às vezes, isso implica a pesquisa quer no serviço quer em casa, quer eu quer o próprio aluno... Depois juntamo-nos e vemos o que temos...” E3, p.6

“(...) há critérios que os alunos já têm que saber previamente... Têm que trazer uma base teórica da escola, e depois é pegar nos conhecimentos deles e trabalhá-los de forma a saber se eles os conseguem também mobilizar, e também associar algumas coisas, porque muitos desses conhecimentos implicam associação de ideias...” E3, p.6

“Coisas que eles não dominem totalmente, pego no pouco eles possam saber, e tento explicar-lhes de uma forma sucinta a situação nova (...) Mas, explico-lhes por alto e depois espero que eles também façam uma parte do trabalho em casa;” E3, p.6

“Eu tenho de avaliar se eles são capazes, face a uma situação desconhecida (para eles)... Se têm a capacidade de resolver, ou não, e caso não tenham se vão procurar auxílio ou outra forma de resolução... Não fazerem as coisas inconscientemente...” E3, p.7

“(...) um dos aspectos que mais valorizo na orientação de alunos é a capacidade de mobilização de conhecimentos dos alunos, isto é, um repensar contínuo das práticas.” E3, p.7

“A parte que mais me custa é a da avaliação final (...) ter de dar uma nota, foi sempre o que mais me custou desde início... Agora torna-se um pouco mais fácil, porque já tenho termos de comparação, uma vez que já tive vários alunos...” E3, p.8

“(...) e temos também, a partilha com os outros colegas orientadores de alunos do mesmo grupo... E por regra, agora torna-se muito mais fácil... Do género: Que nota é que vais dar ao teu? E depois fazemos algumas comparações, e tal...” E3, p.8

“Quanto à supervisão dos cuidados, como isto não é uma actividade sem riscos, as

regras são esclarecidas logo no início do estágio...” E3, p.9

“Há muitas coisas que eles têm autonomia para fazerem, mas em termos de medicação não têm autonomia, sendo a supervisão nesses casos muito restrita... Dou-lhes autonomia, na minha presença, para serem eles a preparar a terapêutica e, eu aí estou a supervisionar o modo como eles fazem, (...) é uma supervisão presencial!” E3, p.9

“(...) no dia seguinte não dá para reviver a situação, porque há situações que devem ser reflectidas no momento, porque no dia a seguir já se perderam muitos pormenores, muito importantes.” E3, p.11

“...Depois ao longo do estágio, vamos partilhando os nossos conhecimentos... Vamos discutindo as situações... Quer as que ocorreram, quer as que possam, eventualmente, ocorrer... Como as resolvemos, ou como as deveríamos ter resolvido...” E4, p.6

“Eu explico, faço, ou demonstro como fazer, e o aluno vê... Esclarecemos dúvidas, explico algo que tenha ficado por explicar... Depois, quando o aluno se sente capaz, e sempre com o meu apoio e presença, faz ele e eu ajudo ou então faz mesmo tudo ele... E eu fico ali ao lado a dar apoio. É claro, ao mesmo tempo vou fazendo a avaliação...” E4, p.7

“E depois da tarefa feita, voltamos a reunir e discutir o assunto... Como foi o seu desempenho, o que deveria ter feito, que não fez... O que fez bem, o que fez mal, o que melhorar... E quando houver uma nova oportunidade para executar essa mesma tarefa, voltar a avaliar o seu desempenho, e verificar se a nossa discussão anterior teve frutos ou não... E depois voltar a falar com o aluno, acerca do seu segundo desempenho naquela tarefa... Já devia ter melhorado neste aspecto, ou então melhorou muito neste aspecto mas, esqueceu-se de outro aspecto qualquer... E assim sucessivamente...” E4, p.7

“Sempre fiz desta forma... Explicar, demonstrar, fazer, discutir, fazer novamente... E apoiar! Sempre ao lado!” E4, p.7

“(...) a transmissão dos saberes e dos conhecimentos, eu faço-o principalmente, através da discussão de situações pelas quais passámos ou estamos a passar... Eu e o aluno! Explico, ou pelo menos tento... Explicar no momento em que está a ocorrer... Porque é importante para os alunos perceberem as coisas no momento em que elas estão a acontecer (...)” E4, p.7

“(...) se estamos numa reanimação... Eu não posso explicar grande coisa... Mas, combino com o aluno, acordo com ele que ele observa, e depois quando a situação

estiver resolvida, eu vou-lhe explicar o que se passou, o que foi feito... E vou esclarecer-lhe todas as dúvidas que ele possa eventualmente ter... E depois no meio dessa explicação vou tentando, também, colocar situações hipotéticas numa tentativa de lhe poder transmitir mais conhecimentos... Ou seja, tento transmitir conhecimentos teóricos através das situações vividas, porque o segredo está em fazer os alunos pensar e associar os conhecimentos da Escola, às situações da prática...” E4, p.8

2.3 Momentos Marcantes no decorrer do Processo de Orientação

2.3.1 Momentos Positivos

“(...) é muito bom quando vez um aluno teu a fazer um ensino com as tuas próprias palavras... É engraçado! Porque, depois de tu explicares como se faz, e depois dele ver *”in loco”* eu a fazer... Quando chega a vez dele fazer... Vez que ele usa as tuas expressões... Não numa de te agradar... Mas, porque ele achou que se calhar aquele mesmo discurso era o correcto...” E1, p.12

“(...) são muito mais do que as negativas! (...)” E1, p.12

“(...) é bom vê-los inventar brincadeiras para convencerem os miúdos... E alguns até têm bastante sucesso! E até já aprendi umas brincadeiras novas com alguns alunos!... Que uso ainda hoje! O que é realmente positivo para mim, é vê-los crescer e evoluir durante o estágio... E não estou a falar exclusivamente da parte técnica!” E1, p.12

“Para mim, como orientadora... É mesmo, ter orientado alunos que, neste momento são meus colegas de trabalho, e com quem gosto muito de trabalhar... Principalmente, porque na prática deles, fazem as coisas ainda da forma que eu lhes ensinei, quando era orientadora deles...” E2, p.8

“(...) quando a gente vê que o aluno gostou do estágio... Ele investiu, e gostou desse investimento e dos frutos desse investimento (...) Já tive alunos que me disseram (...) “quando acabasse o curso, gostava de vir trabalhar para aqui” (...) como orientadora, é bom sentir que o aluno ficou satisfeito com o estágio, porque, também, indirectamente, assim sinto que desempenhei bem o meu papel de orientadora...É gratificante!” E2, p.8

“(...) uma aluna depois de ter terminado o estágio (...) Chegou ao pé de mim, e disse que achava que eu era um bom enfermeiro, e que aprendeu imenso comigo, e que gostou da minha orientação (...) achava que eu tinha sido o enfermeiro orientador modelo. (...)”

Desde que esta situação aconteceu, no final de cada estágio, depois do momento da avaliação final, peço sempre aos alunos, por escrito ou através de uma conversa informal, a opinião deles em relação ao meu desempenho (...) quer como orientador especificamente, quer como enfermeiro.” E3, p.9

“(…) Gostaram tanto do estágio, e o estágio correu tão bem, que quando terminaram o curso, quiseram vir trabalhar para o SUP!” E4, p.5

“(…) foi uma aluna com capacidades acima da média! (...)Foi muito boa a experiência! Aprendi mesmo muito! Principalmente, em termos teóricos! (...) Foi mesmo uma orientação muito positiva e de uma aprendizagem muito rica em ambos os sentidos: orientador-aluno e aluno-orientador (...) ainda hoje contactamos uma com a outra...” E4, p.8

“É muito bom para mim, como orientadora, ver quando o aluno, perante uma determinada situação, a aborda com segurança, e toma atitudes capazes de resolver essa mesma situação... É bom ter alunos interessados e com vontade de aprender mais, e mais...Porque assim, estão a facilitar a aprendizagem deles e a nossa orientação, simultaneamente...” E4, p.8

2.3.2 Dificuldades Encontradas

“(…) é complicado chegar ao pé de alguém e dizer que não está a agir da melhor forma... E que por isso, o estágio não está a correr da melhor maneira... É preciso mudar de atitude, de estratégia, de postura, para se tentar de alguma forma dar a volta á situação (...)” E1, p.11

“É complicado dizer estas coisas, sem magoar a pessoa, e sem assustá-la... Mas, eu como orientadora tinha mesmo de o fazer... Não havia outra hipótese! E fiz! E apesar de me ter custado, a mim e ao aluno... Que acabou por aceitar bem, e até mudou um pouco de atitude... Tornou-se mais activo e interessado (...)” E1, p.12

“Por causa da dificuldade que senti (...) o mais importante disto tudo foi ter realmente aprendido que é mesmo importante não deixar passar nada em claro... Que é importante falar quando as coisas não estão a tomar o rumo certo... Hoje, perante a mesma situação, tomaria o mesmo tipo de atitude, por achar que é a correcta, e ter dado resultado da primeira vez...” E1, p.12

“Para o aluno não pensar que executou tudo muito bem, quando na realidade fez tudo ao

contrário... Porque, a minha experiência como orientadora já me ensinou isso... Porque já passei por essa situação (...) Já não uso a expressão “depois falamos”... Uso antes a “vamos lá falar”!...” E2, p.8

“(...) tipo, quando vemos um aluno que não gosta de Pediatria, e fazemos um esforço para o motivar mas, como ele não colabora...” E2, p.9

“(...) ter uma aluna que não aceitou bem as críticas que eu lhe fiz... E então, tipo, em plena avaliação final, à frente da professora da Escola... Resolveu desmentir-me! (...) fiquei mal vista perante a professora e a Escola...” E2, p.9

“(...) agora faço muito mais reuniões periódicas ao longo do estágio! Para não haver mais mal entendidos (...) pontos de situação da aprendizagem... Mais reflexões sobre as situações... Para ver o que é que se pode melhorar... Onde é que se tem que apostar mais... Para não haver enganar, nem da minha parte, nem da parte do aluno!” E2, p.9

“(...) em termos de conhecimentos... Já tive alunos que me perguntaram coisas em que eu nunca tinha pensado... Ou mesmo coisas que eu nem sequer fazia a mínima ideia da resposta (...) E, ou vou perguntar a algum colega meu que esteja ali à mão, ou devolvo-lhe a pergunta! (...) digo para ele ir pesquisar em casa, e que no próximo turno falamos! E eu, assim também tenho mais tempo para ir ver coisas dessa doença...” E2, p.10

“O primeiro aluno que eu orientei foi de facto o mais difícil; foi o adoptar um papel ao qual não estava habituado... Foi novo para mim ter alguém sempre ao lado, e ter que discutir coisas sistematicamente. Contudo, depois tornou-se mais fácil (...)” E3, p.7

“(...) uma situação em que o orientando me disse, logo no primeiro dia de estágio, que isto era um estágio “soft”... Ou seja, vinha com umas expectativas muito baixas e fracas em relação ao estágio... Disse ainda que era um estágio que não era para ter muito trabalho (...) Acho que não foi uma atitude nada correcta! Foi uma situação que me custou a digerir (...) aprendi que as coisas devem ser esclarecidas e planificadas logo desde o primeiro dia de estágio... É que, se os alunos perceberem logo desde início, o que os espera e quais as metas a atingir, as coisas correm muito melhor” E3, p.10

“A minha maior dificuldade é na gestão do tempo... Há turnos em que nós não conseguimos parar para reflectir no que andámos a fazer (...) a aprendizagem torna-se insípida, prejudicada (...)” E3, p.11

“(...) Percebi que o ponto fulcral na orientação de alunos, é a primeira semana de estágio... O facto deles estarem bem integrados na equipa de enfermagem, na dinâmica,

o terem à vontade para questionarem em caso de dúvida e, claro, a gestão de tempo, deve ser conseguido até ao fim da primeira semana!...” E3, p.12

“Também já tive (...) o “super mau aluno”!!!... E foi uma péssima experiência de orientação! (...) Faltava sem avisar (...) Era muito desinteressado, não procurava situações de aprendizagem, não punha dúvidas, não perguntava nada, nem fazia nada... Para além de que em termos teóricos, quando eu o abordava, já que ele não me abordava a mim... Era muito fraco mesmo... Em termos técnicos, nem tive muita oportunidade de o ver, porque faltou tantas vezes, que foi difícil observar essa parte... Enfim, foi uma orientação atribulada, porque para mim também foi um pouco complicado de lidar com esta situação...” E4, p.9

“Aprendi que as cartas são para pôr na mesa o quanto antes! (...) Não volto a dar o benefício da dúvida antes de esclarecer a situação, o sucedido, com a própria pessoa... (...) São adultos e como tal, têm que ser responsáveis e quando não o são, devem ser responsabilizados na hora! (...) Portanto, não vamos contribuir para a (de)formação deles...” E4, p.9

“Tive também, algumas dificuldades em responder, por exemplo, a dúvidas relacionadas com conhecimentos teóricos, em que tive que ir pesquisar em casa, indo à Net ou aos livros, para poder responder ao aluno no dia seguinte... Ou então, perguntar a colegas meus, presentes na altura, para tentar dar a resposta o mais breve possível... Ou recorrer, por exemplo, à chefia...” E4, p.10

2.3.3 Crescimento Pessoal e Profissional

“A nível técnico, acho que não alterei nada de especial... Tento fazer sempre as técnicas o melhor que sei (...) a nível da minha postura em si (...) hoje em dia sou muito mais pragmática em relação a tudo... Questiono muito mais o porquê das coisas (...) Sinto-me mais reivindicativa...” E1, p.15

“E assim, vamos cultivando também a nossa mente, o que se vai reflectir na nossa própria prática do dia-a-dia... Quer como profissionais que somos, quer como pessoas!” E1, p.15

“(...) sinto que tenho uma maior capacidade de argumentação (...)” E1, p.15

“(...) quando tenho algum problema com um colega de trabalho, tenho muito mais

facilidade em resolver a questão e falar abertamente sobre ela, do que há uns anos atrás (...). Mas, para mim era, de facto, mais difícil de falar, do que no presente...” E1, p.15

“(...) tornei-me mais directiva na crítica, mais objectiva... Actuo e falo na hora do acontecimento!” E2, p.8

“Com o passar do tempo e com a experiência... Fui-me tornando mais assertiva, mais crítica, objectiva, directa e até mais incisiva (...).” E2, p.11

“(...) o aumento de facilidade na crítica directiva!” E2, p.11

“(...) aprendi ao longo deste tempo, a desenvolver mais a minha própria capacidade de comunicação...” E2, p.11

“(...) aprendi a ser mais pragmática!” E2, p.11

“É importante para todos os enfermeiros terem a noção do que é orientar, como orientar, para poderem pensar nas coisas que andam a fazer... Como é que se transmitem as coisas e até o estar...” E3, p.4

“Tudo o que seja uma experiência nova, ou diferente da anterior, é sempre uma aprendizagem, e isso faz-nos mudar... Ou seja, o facto de eu experienciar uma coisa, embora não altere posteriormente o meu comportamento, não quer dizer que não tenha aprendido nada...” E3, p.11

“(...) a intenção é melhorarmos sempre como pessoas e como profissionais.” E3, p.13

“(...) aprendi que as coisas, sejam elas quais forem, são para serem resolvidas o quanto antes, e não para serem arrastadas... Mas, isto quer na orientação de alunos quer na nossa própria vida! Pessoal e profissional!” E4, p.10